

O passado tem se tornado uma referência emblemática para a cultura contemporânea. Isso está relacionado a uma nova atribuição social que as sociedades estariam outorgando às atividades mnemotécnicas. O apelo à memória – aos seus suportes e narrativas – representa não só uma tentativa de afastar o “terror amnésico”, compensando o ritmo acelerado das informações, como também consiste em uma forma de resistência à dissolução do tempo e de afirmação de um território em um mundo de uma inquietante fragmentação. Nossa obsessão pelo passado, portanto, funcionaria como uma reação aos acelerados processos técnicos que estão transformando o cotidiano.

Os artigos reunidos no núcleo temático deste número, intitulado *Estratégias da Memória*, pretendem problematizar o papel de “âncoras temporais” desempenhado por diferentes narrativas e/ou “lugares de memória”.

Assim, Herschmann e Pereira discutem a questão da fragmentação da identidade – que parece ganhar uma dramaticidade e se acentua num mundo marcado pela velocidade e pluralidade – e a possibilidade de se construir uma identidade local/nacional a partir de um processo de identificação com as narrativas biográficas de personagens públicos como heróis e celebridades. Jorge Ribeiro retoma algumas dessas questões ao analisar o livro *Cidade de Deus* de Paulo Lins como um trabalho que lida com grande naturalidade com a questão do descentramento do sujeito, como um experimento estético impar na literatura brasileira, capaz de articular uma narrativa híbrida – confessional, documental e etnográfica.

Nesse contexto em que a mídia emerge enquanto um dos principais espaços de visibilidade e de construção de narrativas da memória, Goulart Ribeiro parte do pressuposto de que a mídia opera como um dispositivo que conduz não só ao enfraquecimento e esfacelamento da memória, mas também atua como um *lugar* no qual a amnésia e a memória podem coexistir e se

relacionar, mesmo que de forma tensa e contraditória.

E, finalmente, o artigo de Felinto, realizado a partir do estudo de caso dos museus, enfatiza certos traços da cultura hoje. Atualmente, os museus traduziriam, para o autor, aquilo em que se transformou a cultura contemporânea: um labirinto, isto é, um lugar de passagem, de lembrança e esquecimento.

As chamadas novas tecnologias de comunicação, aliadas ao processo de globalização, têm alargado nossa experiência para muito além das fronteiras territoriais que nos rodeiam e que definem nossas comunidades de pertencimento. Esses processos, muito mais do que a perda de referências, sugerem a instauração de outros tipos de vínculos sociais, bem como o favorecimento de uma experiência que conduz na direção da transitoriedade e da instabilidade identificatória.

OS EDITORES

Carlos Alberto Messeder Pereira

Elizabeth Rondelli

Giuseppe Cocco

Karl Erik Schøllhammer

Micael Herschmann